MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ-
PRAÇA CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, Nº 48 - 2º ANDAR
museufreigalvao@bol.com.br

2005 **nº 254**

O POVOAMENTO DAS TERRAS E SERTÕES DE GUARATINGUETÁ SESMARIAS E SESMEIROS DO SÉCULO XVIII



A ocupação de terras na vila de Guaratinguetá teve inicio em meados do século XVII, através das chamadas doações de sesmarias, ou sejam, grandes extensões de terras doadas àqueles que estivessem em condições de nela se fixar e dela cuidar, juntamente com família e cabedais. Foi uma das maneiras como se deu a ocupação de terras no Brasil, principalmente na Capitania de São Paulo, sem mencionar, é óbvio, outros mecanismos utilizados, como a posse ilegal e a compra-venda. Sua extensão variava de acordo com a localização e com o solicitante, medindo, em sua maioria, meia légua, uma légua (6.000 m) ou légua e meia, pelo sertão (fundos) e pela testada (frente).

No século XVIII, as doações tiveram continuidade, muito embora já não fosse a única modalidade de adquirir, existindo também a compra e venda. Algumas sesmarias eram de terras devolutas, outras eram novamente doadas por falta de confirmação pelo Rei, outras revalidadas pelo mesmo proprietário, algumas com posse anterior, ou foram compradas de terceiros, com expedição de nova Carta de Sesmaria.

Em sua maioria, as terras eram solicitadas por uma petição dirigida ao capitão-general da Capitania, se valendo da necessidade de estabelecimento em terras para o cultivo e sustento da família, declarando, para isso, ter cabedais suficientes. O individuo que recebia a sua Carta de Sesmaria se via obrigado a medir e confirmá-la num prazo de dois anos, ocorrendo em perda, caso não cumprisse. Os registros eram feitos em livros próprios do governo da Capitania, hoje

conhecidos como Sesmarias, Patentes e Provisões, com exceção do período de 1748 a 1765, quando foram registradas em livros da Alfândega da Praça de Santos, que por sua vez, estava administrativamente vinculada à Capitania do Rio de Janeiro

RELAÇÃO DE ALGUNS SESMEIROS NO SÉCULO XVIII

Até o penúltimo quartel do século XVIII o território da vila de Guaratinguetá compreendia uma imensa área, abrangendo as vilas de Lorena e Cunha, e o vale histórico, até as divisas com o Rio de Janeiro, no rio Piraí.

No presente texto, foi considerando apenas as sesmarias doadas nas áreas correspondentes aos atuais municípios de Roseira, Aparecida e Potim.

AMARO LOBO DE OLIVEIRA (CAPITÃO) - Natural da vila de Taubaté e morador em Jacareí antes de se mudar para Guaratinguetá, onde possuía terras nos bairros de Tetequera (1) e Itaguaçu (2). Seu inventário foi realizado na vila de São Paulo. Era filho do Capitão Manuel Francisco de Escobar

ANTÔNIO DE BASTOS ANTUNES - Natural de Portugal e casado em Guaratinguetá com Maria Barbosa de Lima, filha de Domingos Machado de Lima e de s/m Branca Raposo. Recebeu terras na paragem do Itaguaçu, entre os anos de 1732 e 1752. Faleceu em Guaratinguetá em 1753, onde foi inventariado.

ANTÔNIO DINIZ CHAVES - Recebeu meia légua de terra em quadra no Itanguassú, dividindo com Antônio de Bastos (Antunes) e Manuel de Carvalho Moura. Faleceu em Guaratinguetá em 1757, onde foi inventariado. Foi casado com Isabel Paes de Siqueira, filha de Francisco Lopes de Faria e de s/m. Margarida Bicudo.

ANTÔNIO DA MOTA PAIS – 1.800 braças de terras de testada e 1.000 de sertão as quais começavam onde acabava o rocio da vila, correndo para o caminho de Parati, contestando com as terras de Pedro Álvares de Araújo. Faleceu em 1745 em Guaratinguetá (3). Foi casado com Helena Antunes do Prado, natural de Pindamonhangaba, filha de Francisco Cunha Preto e de s/m. Maria Rodrigues do Prado.

ANTÔNIO RAPOSO BARBOSA – Recebeu em 25/09/1736, meia légua de terras de testada e légua e meia de sertão no lugar chamado o Tanque, caminho geral para a vila de Pindamonhangaba. Falecido em 1758. Foi casado com Maria da Luz de Lima, filha de Sebastião Machado de Lima e de s/m. Catarina de Almeida.

ANTÔNIO RAPOSO DE LIMA (ALFERES) - Possuía terras no bairro do Itaguaçú entre os anos de 1720 e 1758. Não foi achado o registro de sua sesmaria. Era filho de Domingos Machado de Lima e de s/m. Branca Raposo. Foi casado com Catarina de Almeida do Prado, de quem teve geração. Faleceu em Guaratinguetá.

DOMINGOS RODRIGUES CORREIA – Terras entre a Serra da Mantiqueira E O Caminho velho, com meia légua de terra de largo e uma de comprido, que faz um ribeirão que vem da mesma serra e outro chamado do *hubahy*, no fim das terras da Capoeira Grande.

DOMINGOS RODRIGUES FREIRE – Terras da outra banda do rio Paraíba, na paragem chamada Queimada Grande, com meia légua de testada, finalizando nas terras ou posse de Manuel de Rezende a intestar com as terras dos moradores do Potihym (Potim) e da

outra com o ribeirão de Guaratinguetá, dividindo com Roque Corrêa e Salvador Machado. Era natural da vila de Castelo Branco, Portugal. Foi casado Inês de Jesus Maria. Faleceu em Guaratinguetá a 31/12/1800.

FRANCISCO BORGES RODRIGUES – Meia légua de terras em quadra, divisando com Thomaz Pereira e José Pinto e o sertão até a serra do Quebra Cangalhas, partindo com Luiz Dias e Miguel de Góis.

FRANCISCO NABO FREIRE (SARGENTO MOR) – Obteve, em 05 de fevereiro de 1742, uma sesmaria com meia légua de terras em quadra na paragem do rio chamado Paraíba, entre o ribeirão de Potim e o de Amaro Lobo, que vem a entestar com os morros da Mantiqueira. Foi casado, em segundas núpcias, em 1749, com Maria Pires Bueno, filha do Capitão Miguel de Godói Moreira e de s/m. Maria Leite de Araújo. Obteve, também, em 20 de outubro de 1736, outra sesmaria de meia légua de terras em quadra, principiando no paiol das mesmas terras do suplicante, correndo o sertão para a Mantiqueira, que são matos maninhos, partindo de uma banda com Domingos Soares e de outra parte com Amaro Lobo **(4)**.

FRANCISCO NABO FREIRE (ALFERES) – Requereu e recebeu em 24/1/1773, em parceria com Manuel Francisco de Toledo, uns campos nas cabeceiras do ribeirão chamado Guaratinguetá e de outro que se chama Piaguí, até a serra de Sapucaí e Tajuba **(5)**, que em outra parte se chama Mantiqueira. Foi casado com Francisca Xavier de França, irmã do beato Frei Galvão, filhos do Capitão-Mor Antônio Galvão de França.

FRANCISCO PEREIRA DE CARVALHO – Uma légua de terras em quadra na fralda da serra dos Guarulhos, entre os dois braços do rio Guaratinguetá, correndo o rumo das terras de Jerônimo de Siqueira para a parte de um monte chamado Pedra Branca, que cai para os Pilões. Em conjunto com Miguel de Godói Moreira.Faleceu na vila de Cunha em 1780. Era natural de Paramos, Termo da Feira, arcebispado do Porto, e casado com Francisca Joaquina de Toledo Silva, filha de Luiz da Silva Porto e de s/m. Maria de Toledo Cortez (instituidores da Capela da Boa Vista, em Cunha).

JOÃO ALVES VILELA (PADRE) – Meia légua de terras de testada, nas sobrequadras de Antônio de Carvalho Marques, dividindo com Antônio da Costa Chaves (caminho de Parati). Foi durante alguns anos vigário de Guaratinguetá e autor do relato do aparecimento de Nossa Senhora.

JOÃO ANTUNES FIALHO – um dos abridores do caminho novo para o Rio de Janeiro. Duas léguas de terras, partindo com o Capitão Antônio da Silva e João Francisco de Castro, na paragem chamada Jararaca. Faleceu na freguesia do Facão (Cunha) em 1789. É antepassado da família Antunes de Vasconcelos.

LOURENÇO VELHO CABRAL – Uma légua de terras em quadra no Piaguí para a serra Mantiqueira e cabeceiras no rio Piaguí.

LUIZ DIAS DE ALMEIDA – Légua e meia de testada na parte superior do ribeirão, acima da ponte da vila, na paragem chamada cachoeira do Mato Dentro, compradas a Miguel de Góis, João Siqueira, Salvador Duarte, Rita Pais e Manuel Rodrigues da Fonseca, confrontando com terras de Thomaz Pereira, contestando com a serra da Quebra Cangalhas, com terras de Matias Pires e Miguel de Góis. Faleceu em 1793 em Guaratinguetá. Era natural de Minas Gerais.

LUIZ RAMOS BARBAS (PADRE) – Meia légua de terras de testada e légua e meia de sertão, na sobrequadra do sítio chamado Rocinha e do chamado Moura, em direção a Parati.

MANUEL DE SIQUEIRA CARDOSO – Terras com testada rio Paraíba abaixo.

MANUEL FRANCISCO DE TOLEDO – Uns campos nas cabeceiras do ribeirão chamado Guaratinguetá e de outro que se chama Piaguí, até a serra de Sapucaí e Tajuba, que em outra parte se chama Mantiqueira. Em parceria com o Alferes Francisco Nabo Freire. Foi inventariado em Guaratinguetá em 1805.

MIGUEL DE GODÓI MOREIRA – Uma légua de terras em quadra na fralda da serra dos Guarulhos, entre os dois braços do rio Guaratinguetá, correndo o rumo das terras de Jerônimo de Siqueira para a parte de um monte chamado Pedra Branca, que cai para os Pilões. Sesmaria em conjunto com Francisco Pereira de Carvalho. Era filho de Inácio de Godói Moreira e de s/m. Catarina de Unhate de Medeiros e sogro de Francisco Nabo Freire. Faleceu em Pindamonhangaba a 11/11/1752.

Joaquim Roberto Fagundes

NOTAS:

1. Cidade de Roseira.
2. Atual bairro do Itaguassú, no município de Aparecida.
3. Terras na região do atual bairro dos Motas, que recebeu esse nome pelo apelido de família.
4. Área compreendida entre municípios de Potim e Aparecida, pelos lados da Mantiqueira, na margem esquerda do rio Paraíba.
5. Atual cidade de Itajubá.

FONTES:

Bibliografia

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Sesmarias – 1720-1736**. São Paulo/Edição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1937.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **Os Galvão de França no Povoamento de Santo Antônio de Guaratinguetá.** 3. ed. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1993.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. **Repertório de Sesmarias**. São Paulo, 1994. Ed. fac-similar.

Fontes Primárias

MUSEU FREI GALVÃO/ARQUIVO JUDICIÁRIO. **Inventários e Testamentos do 1º Oficio de Guaratinguetá – 1710-1962.**

DESENHO: Paulo Pereira dos Reis, IN: REIS, Paulo Pereira dos. **Lorena nos Séculos XVII e XVIII**. Lorena. Fundação Nacional do Tropeirismo/Centro Educacional Objetivo. p. 229.